

Rosalía em Curros

Aurora Marco

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

MARCO, AURORA (2012 [1986]). “Rosalía em Curros”. En *Actas do Congreso Internacional de estudos sobre Rosalía de Castro e o seu tempo* (II). Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Universidade de Santiago de Compostela, 347-356. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*.
<<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/1943>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

MARCO, AURORA (1986). “Rosalía em Curros”. En *Actas do Congreso Internacional de estudos sobre Rosalía de Castro e o seu tempo* (II). Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Universidade de Santiago de Compostela, 347-356.

* Edición dispoñíbel desde o 30 de marzo de 2012 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

ROSALIA EM CURROS

AURORA MARCO

Universidade de Santiago

A figura matrizial de Rosalia deixou um calco de veneraçom e carinho em todos os escritores galegos do seu tempo, como tinha de ocorrer cos escritores que socedem aos seus contemporâneos. Curros, moi ligado persoalmente a Murguia por vínculos de admiraçom e de mútua estima, nom podia menos de mencionar à autora dos *Cantares* em diversas páginas da própria obra. Consagrou-lhe duas das suas melhores composiçons líricas e em *O divino sainete* rende-lhe tamém homenage.

Na obra periodística de Curros nom podia tampouco faltar a mençom de Rosalia, a quem sempre considerou como a grande mestra da Ressurgimento das Letras Galegas.

Por outra parte, na poesia de Curros, é notória a influéncia de Rosalia que, na sua faceta de poeta costumista ou folclórica, causou um grande impacto nos seus contemporâneos. A própria poesia costumista de Curros, está concebida dentro da escola dos *Cantares Gallegos*, o que é especialmente perceptível nas poesias apresentadas por Curros ao concurso ourensám de 1877. Mesmo "O gueiteiro" leva como lema uns versos de Rosalia, co que o poeta de *A Virxe do Cristal* se reconhece devedor da autora de "um repoludo gaiteiro".

Nesta comunicaçom examinam-se esses dous aspectos da presença de Rosalia em Curros: as referéncias expressas e as influéncias literárias.

O professor Carvalho Calero na sua *História da literatura galega contemporânea* (1) ao referir-se às diferenças de enfoque com que enxergam o Ressurgimento das Letras Galegas o autor de *O divino sainete* e dona Emília Pardo Bazám, salienta que, frente às reservas com que a ilustre autora de *De mi tierra* julga a obra de Rosalia, Curros Enríquez aceita todo ao longo da sua produçom, e expressamente testemunho em diversas ocasiõs da sua vida, a devoçom perante o magistério rosaliano.

A propósito dista cita diversos lugares das Obras Completas do poeta de Celanova que nos podem servir de ponto de partida para um registo e umha catalogaçom das referéncias rosalianas em Curros (2).

A maior parte destas referéncias —e falamos das referéncias expressas nas que

(1) Ricardo Carballo Calero, *História da literatura galega contemporânea*, 3ª ed., Galaxia, Vigo, 1981, p. 381, nota 8.

(2) Em *id.* cita Carvalho as páginas das Obras Completas de Curros. Assi: I, 25, 71, 149, 276, 278; III, 236; IV, 280; V, 232, 237, 391.

Rosalía é mencionada polo seu propio nome— contemhem-se na obra poética do celanovés.

Nela algunhas citas contemhem elementos —se bem de tipo moi geral— para a caracterización da poesía rosaliana. Outros referem-se à recepçom polos contemporáneos e pola posteridade —sempre dentro do ámbito galego— da obra da nossa autora. Mesmo podemos acrecentar umha alusom de tipo biográfico. Afinal, hai que anotar umha cita literária, quer dizer, umha reproducçom de um texto rosaliano como lema de um texto de Curros.

Na totalidade das ocasións em que a figura de Rosalía aparece mencionada ou aludida nos versos de Curros, este transparenta nas suas palabras o respeito, a admiraçom e a devoçom a que antes fixemos referéncia.

Às veces a mesma falta de insisténcia na confissom de estima, de apreço, de reconhecemento da genialidade de Rosalía, é umha prova mais da actitude de discípulo frente a umha figura magistral e de reconhecemento de um galego da transcendeéncia cultural da autora dos *Cantares* e as *Folhas*.

Nom podemos esperar, comfo já indicámos, que nos versos de Curros se formule umha crítica precisa que caracterice a obra de Rosalía.

No poema que abre o livro *Aires da miña terra* achamos a primeira invocaçom à poetisa cando Curros evoca a musa galega através de diversas concreçoms históricas:

Fecundo nume do úneco rei sabio
que no solio de España tivo asento,
arpa imortal da doce Rosalía,
do infortunado Añón, himno postreiro (3).

No terceiro destes versos “arpa imortal da doce Rosalía” achamos dous adjectivos que, mália a sua vaguidade, supomhem umha certa caracterización da escritora: os adjectivos *doce* e *imortal*. O primeiro, ainda dentro da sua generalidade, tem um carácter descritivo e recolhe um aspecto da poesía rosaliana que é, à verdade, o mais óbvio entre os que as primeiras leituras da nossa autora reflexam. O outro adjectivo, *imortal*, é certamente valorativo mas nom contém nota algunha caracterizadora. Mais ben se refere à recepçom da obra de Rosalía à que apresenta como dotada de perenidade, de perdurabilidade, de pervivéncia, sem dúvida como conseqüéncia de umha alta qualidade que neste caso nom se descreve ou especifica.

Cando na composiçom dedicada ao traslado dos restos mortais de Rosalía coloca Curros umha estrela na frente da escritora

Do mar pola orela
miréina pasar,
na frente unha estrela,
no bico un cantar (4)

(3) Manuel Curros Enríquez, *Obras Completas*, recopilación, introducción y notas por Carlos Casares, Aguilar, Madrid, 1979, p. 7.

(4) *Id.*, p. 282.

está evidentemente ponderando simbolicamente a sua elevação como lírica. É, pois, umha nota valorativa, nom analítica, da qualidade da poetisa. “No bico un cantar” simplesmente caracteriza a Rosalia como poeta sem que neste caso haja umha ponderação expressa da sua altura como tampouco umha caracterização crítica da sua inspiração.

Valorativa, ponderativa é a afirmação que se contém em *O divino sainete* daqueles versos em que Rosalia é apresentada como prova do Ressurgimento de Galiza, de que Galiza esperta: “Eu sosteño, e traio probas / que Galicia esperta; dígao / a autora das Follas Novas” (5).

Nom deixa de ser notável que a maioria das referências a Rosalia que se contêm na poesia currosiana, mais que das características ou quilates da obra daquela, digam respeito ao que temos chamado recepção da sua obra. Neste caso umhas veces trata-se de admonições, exortações, conselhos que se dirigem a um ouvinte —que de umha maneira ou outra representa ao povo galego— para que receba co devido honor e interesse o legado rosaliano.

Assi em “O ciprianillo”:

Cando consultes Murguía,
Paz, Pondal, Añón e Lamas,
e no bico
as cancións de Rosalía
teñas sempre, que tanto amas,
¡serás rico! (6)

O campesino galego, o povo galego, deve abandonar a supersticiosa procura de tesouros materiais que “o ciprianillo” ilusoriamente lhe promete e familiarizar-se co tesouro da poesia rosaliana, amada intuitivamente polo labrego que nela se sente reflexado mas que deve expressamente assumila e recitá-la como corroborante jaculatória.

Em “A espiña” exorta aos seus compatriotas da Habana, organizados no Centro Galego, a freqüentar assimesmo Rosalia, que deve ocupar um lugar preferente com outros escritores da terra —entre eles Murguía— na biblioteca daquela prestigiosa instituição:

Facei que cando visite
o salón da biblioteca
quen alí leva a alma seca
tope a fe que o resucite,
lendo ó sabio Rei, Macía,
Feixoo, Colmeiro, Pondal,
Pastor Díaz, a Areal,
Rosalía e máis Murguía (7).

Mas nesta série de referências à recepção da obra de Rosalia domina sobre todo

(5) *Id.*, p. 232.

(6) *Id.*, pp. 137-138.

(7) *Id.*, pp. 312-313.

a censura da ingratidade com que moitos dos coterráneos da escritora, a própria terra sua, enfim, que tanto lhe deve, se tenhem comportado, amostrando em vida da autora indiferença ou desprezo para logo de morta chorar lágrimas de crocodilo ou adoptar actitudes piadosas ou entonar panegíricos insinceros ou incongruentes.

Assi, em “O convento” Curros escribe:

A cencia, á industria, ó arte,
podes tamén, si queres, dedicarte;
vivir do merodeo
do pensamento alleo
no cadro, na novela, na poesía;
faguerlle en vida ás nosas gorias guerra
e sólo cando está baixo da terra
acordarte da probe Rosalía... (8)

No canto III de *O divino sainete* tem um reflexo fortemente satírico a conduta de dona Emília Pardo Bazám tal como Curros a enxergava. A figura que nesse poema representa à Condessa aparece negando a valia de Rosalía à que considera umha poetisa que nom sabe senom laiar-se de um feito vulgar e a quem a própria autora de *Los pazos de Ulloa* impediu que em vida se coroasse; mas a quem com gosto lhe “rezou pola alma”, o que deve entender-se como alusom ao discurso necrológico pronunciado pola famosa novelista no Circo de Artesaos de A Corunha e inserto posteriormente no livro *De mi tierra*, Curros carrega as tintas a propósito da hostilidade de Emília a Rosalía, incidindo nas mesmas posições que Murguia adopta nos seus artigos “Cuentas ajustadas medio cobradas” (9):

Eu sosteño, e traio probas,
que Galicia esperta; dígao
a autora de *Follas Novas*.

— ¡Valente choromiqueira!
Poetas dese feitío
cómpranse a centos na feira.

Fai anos que un mala peza
quixo coroala en vida
i eu tiréillo da cabeza.

—Agora comprendo o gusto
con que lle rezou pola alma...
—Honrar ós mortos é xusto.

—Ese deber todos temos;
pero inda máis xusto hacho
que ós vivos non deshonremos.

(8) *Id.*, p. 131.

(9) Manuel Murguia, “Cuentas ajustadas medio cobradas”, *La Voz de Galicia*, 20 e 24 de outubro; 3 e 18 de novembro; 3, 15 e 27 de dezembro de 1896.

Mais, á ilustre padronesa
deixando, pois hastra coido
que de mentala lle pesa,
diga e perdoe: ¿ises vates
que mostran tantos alentos
para os modernos combates;
ises Novos e Labartas,
ises Lagos, esas peiras
que surxen á luz en sartas;
esa xeneración nova
de parleiros rousinolos...?
—Cantan... como Xan da cova— (10).

Outros pasos nos que Curros insiste acerbamente no maltrato de que Rosalia é objecto som os seguintes: no mesmo canto III de *O divino sainete* presenta-se Rosalia como troceada e devorada polas fauces insaciáveis e sanguinárias da enveja:

I así, pra min estendendo
anacos de seu almorzo,
todos fóronme ofrecendo
con crianza e fidalguía,
talladas de Oxea, Vicetto,
Lamas, Pondal, Rosalía (11).

O motivo reaparece nas dúas formosas composicións que Curros dedicou expressamente à autora das *Folhas* e os *Cantares*. Em “A Rosalía de Castro”, Rosalia vai, orelas do mar, abandonada de todos, acompañada só pola súa propia soledade:

E vína tan sola
na noite sin fin,
¡que inda recéi pola probe da tola
eu, que non teño quen rece por min! (12)

Ela, poeta nacional, cantora do seu povo, voz dos humildes, foi asanhadamente perseguida polos “lobos” —quer dizer polos envejosos, polos malévolos, polos incomprendidos— que a conduzirom à desgraza e à morte:

A musa dos pobos
que vin pasar eu,
comesta dos lobos,
comesta se veu...
Os ósos son dela
que vades gardar,

(10) Manuel Curros Enríquez, *op. cit.*, pp. 232-233.

(11) *Id.*, p. 235.

(12) *Id.*, p. 282.

¡Ai, dos que levan na frente unha estrela!
 ¡Ai, dos que levan no bico un cantar! (13)

Ainda que, evidentemente, nestas últimas referencias hai alusións a circunstancias biográficas, incluímolas na serie de textos relativos à recepción da obra de Rosalía que é o seu motivo estruturante. A única referencia que podemos considerar pura —e neutra, ou seja falta de todo xuízo de valor, meramente expressivo de un feito— de carácter biográfico, está, curiosamente, trabucada, en canto asigna a Rosalía un berce que non é realmente o seu. Nos versos de *O divino sainete*, citados anteriormente, Rosalía é designada como “a ilustre padronesa”. Sabido é que Rosalía viveu e morreu dentro do municipio de Padrom mas naceu dentro do que hoje é municipio de Santiago de Compostela, aínda que, se hemos crer a Victoriano Taibo o solar da casa natal hoje desaparecida de Rosalía, estaba encravado no que em 1837 era municipio de Conjo, actualmente anexo à cidade jacobea.

O segundo poema dedicado à nossa escritora, “Na tumba de Rosalía”, foi escrito por Curros para unha ofrenda floral que se levou a cabo no mausoleo de Santo Domingo o 24 de setembro de 1904. Nel o poeta manifesta o seu temor de ser injuriado num tempo em que as glórias som escarnecidas e maltratadas os que as honram. Mostra-se pesimista a respeito da perduración do culto da poetisa. Nem sequer está seguro de que o recinto onde mora Rosalía persista porque no futuro o espírito material pode fazer desaparecer todo:

Collidas a pedir de porta en porta
 (que non herdéi xardíns nin hortas teño)
 ¡sombra sin paz da nosa musa morta!
 aquí estas frores a tragerche veño.

I ó espárexelas sobre a pedra fría
 que un *Resurrexit* pra crebarse agarda,
 ‘sinto cuase o temor que sentiría
 o ladrón que recea e se acobarda.

Como el, ao che deixar a miña ofrenda,
 a soledade en miña axuda chamo,
 que si el ten medo que a xustiza o prenda,
 temo eu que me marmuren os que amo.

Tanto do noso tempo a xente esquiva
 as patrias glorias burla i escarnece:
 ¡xeneración de mánceres cativa
 que hastra o pai que a enxendrara desconece!

Que hoxe é pecado relebrar fazañas
 porque impotentes pra as facer nacemos,
 e cecáis que gabar glorias estrañas
 nos console das propias que perdemos.

O valor, o carácter, as ideas,
 falas, costumes... son *lendas douradas*.
 ¿De qué coor serán, ¡ai!, as alleas
 que nos fan ler a couces e pancadas?

Mais dorme, Rosalía, mentras tanto
 nas almas míngoas a fe i a duda medra.
 ¡Quén sabe si, deste recinto santo,
 non quedará mañá pedra con pedra!
 ¡Quén sabe si esta tumba, nese día,
 chegará a ser, tras bélicas empresas,
 taboleiro de *yankee* mercería
 ou pesebre de bestas xaponesas! (14)

Para terminar lembraremos que Rosalía é citada em cabeza do poema currosiano “O gueiteiro”. Os versos dela “sempre pola vila entraba / con aquel de señorío” servem de lema e com isso de reconhecemento de magistério ao poema de Curros.

Passando agora à prosa do celanovés achamos um passo que é o mais objectivo, o mais preciso na caracterização crítica de Rosalía de Castro. Por suposto, como em todos os demais lugares, rende Curros, neste, culto ao “génio lírico” da nossa autora, o que pertence à esfera da valoración.

Ao falar de Filomena Dato Muruais, Curros fai umha comparación da personalidade desta poetisa coa de Rosalía e assinala com bastante concreción alguns traços constitutivos do lirismo dela. Estes traços podem agrupar-se em duas séries ou isotopias. Umha série regista rasgos que podemos considerar pertencentes à esfera do sentimento, como as ideas reinantes naquel tempo o entendiam numha escritora ou numha mulher. Som traços, pois, “femininos”, consoante a concepção histórica da femineidade: ingenuidade, ternura, emotividade, tendência elegíaca. Trata-se da visom mais usual no tempo do génio rosaliano.

No entanto Curros anota outra série de traços que, em contraste cos anteriores, pertencem —segundo a concepção ou os prejuízos da época— à esfera do “masculino”; traços que som preferentemente sublinhados numha etapa posterior à da crítica cronologicamente mais imediata à aparición da obra de Rosalía. Traços que contrapesam, completam, limitam ou matizam os anteriormente indicados: amargura —que nom é o mesmo que tendência elegíaca senom que opom às bágoas consoladoras a lúcida reflexom pesimista—, virilidade —que nom significa negaçom da condiçom feminina senom força e energia humanas— e tom ameaçador —quer dizer, valerosa repulsa da injustiça, reivindicación esforçada do direito, declaraçom de guerra ao injusto:

“De familia en que parece haberse vinculado el talento, Filomena Dato es una de las más inmediatas sucesoras de Rosalía de Castro.

Menos amarga que su inmortal predecesora, porque también ha vivido y sufrido menos, Filomena tiene su misma ingenuidad, su misma ternura, su arte

(14) *Id.*, pp. 320-321.

incomparable para herir las cuerdas sensibles del corazón de su pueblo y traducir, tal vez con queja demasiado femenina, en lo cual sí que se distancia mucho del modelo, en que esa queja es casi siempre viril y amenazadora, los dolores seculares de nuestra infortunada raza" (15).

Corresponde-nos agora, para terminar, referir-nos brevemente às influências directas que a obra de Rosalia exerceu sobre a obra de Curros. Ainda que o celanovés tratou em ocasiões temas relativos aos problemas religiosos ou "metafísicos", é fundamentalmente um poeta cívico e social. A Rosalia das *Folhas*, tam angustiada polos enigmas da vida e da morte, nom tem realmente parangom em Curros, de formação positivista e de preocupações em geral projectadas sobre os problemas do mundo e nom sobre os problemas do trasmundo. Curros nom tem, desde logo, a importância de Rosalia como poeta interessado polas realidades suprasensoriais, assi que nom podemos dizer que haja em Curros umha influência de conjunto de *Follas Novas*, nom já na temática mas tampouco no estilo nem na métrica.

Curros, versificador moi hábil, talvez mais hábil que Rosalia, permanece dentro das formas métricas tradicionais e hom secunda a obra de renovação rosaliana.

Mas Curros Enríquez nom podía estar inteiramente fóra da corrente costumista na que Rosalia, ainda que com grande originalidade tamém, se insertou numha parte da sua produção. Para o leitor mais superficial da poesia galega, esta em tempos de Curros continuava a ser umha poesia de tema rural e de execução realista. Poucos poetas do tempo deixaram de render tributo a esta concepção típica do primeiro ressurgimento das letras galegas. Em Curros hai um poeta mais ou menos essencial —dentro do complexo da personalidade do autor de *Aires da miña terra*— que cultivava a poesia costumista e, por certo, logrando peças de acabada execução, perfeito domínio da forma lingüística e da forma métrica e —o que em Curros dista de ser frequente— de moi acertado manejo dos recursos humorísticos utilizados com grande sentido do equilíbrio, de jeito que, o mesmo que em Rosalia, os traços cómicos e realistas vam combinados cumha presença segura do bom gosto e o decoro estético. Nom cabe dúvida que nesta matéria, Curros é discípulo directo de Rosalia de Castro, ao que deve referir-se José Luís Varela candi di: "Tengo para mi que en su desconcierto se agarró como un náufrago a los *Cantares Gallegos* de Rosalía: recuérdese su "O gueiteiro" y el costumbrismo folklorista de "Unha boda en Einibó" (16). Efectivamente, nos tres excelentes poemas apresentados ao certame de 1877 brilha umha alegria, manifesta-se umha vivacidade que som mais rosalianas que currosianas, ainda que em Curros están realmente assumidas com plena assimilação. Se *A Virxe do Cristal* na sua estrutura é umha lenda de Zorrilha (17) e se afasta um tanto, polo mesmo, do tipo de poesia popular cultivada ordinariamente por Rosalia, os elementos de colorido e simpatia afectiva com que se nos apresentam as personagens de moralidade positiva,

(15) "Filomena Dato Muruais" em *id.*, p. 1087.

(16) José Luís Varela, *Poesía y restauración cultural de Galicia en el siglo XIX*, Gredos, Madrid, 1958, p. 266.

(17) Ricardo Carballo Calero, *op. cit.*, p. 372.

especialmente *Rosinha*, som particularidades que aproximam moito a musa de Curros à musa dos *Cantares Gallegos*.

En canto a “Unha boda en Einibó” e “O gaitreiro” som franca e decididamente exercícos poéticos à maneira de Rosalia, dentro da escola de Rosalia, realizados, conseguidos, logrados por um brilhante discípulo da autora dos *Cantares*. A temática popular e rural, o brio da versificação, a naturalidade da language apontam imediata-mente a esse modelo. “O gaitreiro de Penalta” mesmo leva, como já indicámos em qualidade de lema, uns versos tomados de “O gaitreiro” de Rosalia, que som umha confissom de inspiraçom rosaliana.

Se comparamos estes dous magníficos textos podemos registrar o feito de que o de Rosalia é um quadro à maneira das pinturas de temática rural dos pintores flamengos do século XVI —ou de pintores contemporâneos como Dionísio Fierros— no que toda a carga da realizaçom se projecta sobre a veracidade e elegância natural dos perfis da figura que se plasma, mentres que em Curros surge já umha nota de preocupaçom social ao mencionar-se a lacra da emigraçom que se crava como um punhal no peito de Galiza (18). Unamuno, no seu papel de crítico dos movimentos periféricos de reivindicaçom colectiva, censurava este introducir-se no quadro costumista de um elemento de propaganda ideológica que considerava infundada ou desmesurada.

Mas procede lembrar que se “o gaitreiro” de Rosalia é um retrato sem transfon- do social combatido evidente, em múltiples occasions a nossa escritora cultiva a temá- tica social e o último “livro” de *Follas Novas*, intitulado “As viudas dos vivos e as viu- das dos mortos” está consagrado, precisamente, a dar umha versom certamente poéti- ca, mas profundamente combativa e comprometida, da emigraçom. Rosalia nom é menos que Curros poeta interessado polos problemas gerais da sua terra e da sua gente. E simplesmente poeta de mais amplitude temática e de mais profundidade filosófica —sem nengumha pretensom de pedantesca sistematizaçom ideológica— que Curros.

A análise estilística confirma, de jeito evidente, o rosalianismo destes poemas de Curros. Rosalia, como sabemos, inspirando-se em Dom António de Trueba, refor- çado pola mesma poesia popular galega em que Rosalia vivia imersa pola sua educaçom infantil, utiliza a cada momento nos seus versos figuras de dicçom por repetiçom, es- pecialmente a anáfora, a concatenaçom, a epífora. Pensemos, por exemplo, no poema número tres de *Cantares*:

Dios bendiga todo, nena;
rapaza, Dios te bendiga,
xa que te dou tan grasiosa,
xa que te dou tan feitiña
que, anque andiven moitas terras,
que, anque andiven moitas vilas,
coma ti non vin ningunha
tan redonda e tan bonita.

(18) “I era verdá. ¡Malpocada! / Contra on penedo amarrada, / cravado un puñal no seo, / naquela gaita lembrada / Galicia era un Prometeo” (Manuel Curros Enríquez, *op. cit.*, p. 59).

¡Ben haia quen te pariu!
 ¡Ben haia, amén, quen te cría! (19)

Ou os versos do poema número seis do mesmo libro:

¡Cántos dengues encarnados!
 ¡Cántas sintas amarelas!
 ¡Cántas cofias pranchadiñas
 dende lonxe relumbrean
 cal si fosen neve pura,
 cal froles de primadera!
 ¡Cánta maxesa nos homes!
 ¡Cánta brancura nas nenas! (20)

Esta mesma orientación estilística acha-se nos versos de Curros:

¡Qué calados na camisa!
 ¡Qué zapatos de mallós!
 ¡Qué cutín o da chaqueta!
 ¡Qué rizo' o do pantalón!
 ¡Qué ben lle di a escarpela
 que cusida cun liñol
 leva a un lado do chapeio
 desque das quintas librou! (21)

E mais adiante:

¡Cómo el torce aquelas pernas!
 ¡Cómo ela estroza o mandil!
 ¡Cómo recolle el a faixa!
 ¡Cómo ela move os cadrís! (22)

Tamém o poema “A gaita gallega”, melhor dito a “tençom” sobre a gaita entre Ruiz de Aguilera e Rosalia (“que a gaita gallega / non canta, que chora”) deixou a sua pegada no poema de Curros “O gueiteiro”:

Nunca se pudo avriguar,
 véndolla repincar,
 por qué, o son da gaita ouíndo,
 cantos bailaban sorrindo,
 acababan por chorar (23).

E com isto damos fim a esta comunicación sobre as pegadas de Rosalia em Curros.

(19) Rosalía de Castro, *Poesías, Cantares Gallegos, Follas Novas, En las orillas del Sar*, ao coidado de Ricardo Carballo Calero e Lydia Fontoira Suris, 3ª ed., Edicións do Patronato Rosalía de Castro, Vigo, 1982, p. 28.

(20) *Id.*, p. 41.

(21) Manuel Curros Enríquez, *op. cit.*, pp. 50-51.

(22) *Id.*, pp. 54-55.

(23) *Id.*, p. 58.